

Mata Atlântica a um passo da extinção

Expansão da agroindústria no interior e especulação imobiliária no litoral são as principais causas da devastação ecológica

São José dos Campos (SP) — A Mata Atlântica pode estar totalmente extinta nos próximos 50 anos caso seja mantido o atual ritmo de devastação. A dinâmica de desmatamento é hoje, proporcionalmente, quatro vezes mais acelerada do que a registrada na Amazônia. As informações foram dadas em São José dos Campos, durante o lançamento do Atlas que reúne estudos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) processados pelo Instituto Socioambiental (ISA) e a Fundação SOS Mata Atlântica sobre o avanço do desmatamento na área.

O desequilíbrio ecológico pode resultar na diminuição da oferta de

água, alterações climáticas e a perda da biodiversidade. Segundo o coordenador técnico do projeto, João Paulo Ribeiro Capobianco, do ISA, a cada quatro minutos é devastada uma área correspondente a um campo de futebol. "Perdemos em 10 anos mil hectares de mata, o que representa 11% da área total que existia em 1985", afirma. Antes da devastação, a Mata Atlântica representava 15% do território nacional, totalizando aproximadamente 1,3 milhão de quilômetros quadrados.

Segundo Capobianco, os maiores responsáveis pela atual situação são a expansão da agroindústria no interior, principalmente pa-

ra pastagens de baixa produtividade, e a especulação imobiliária no litoral. Para ele, a fiscalização e o controle que o governo vêm fazendo não são suficientes para controlar a situação. "A ineficiência tem gerado uma taxa inaceitável de desmatamento", diz.

Os estudos foram concentrados em 9 dos 17 estados brasileiros onde há Mata Atlântica — Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A Bahia foi excluída do relatório final porque o excesso de nuvens nas fotos de satélite impossibilitaram a análise.

REDUÇÃO

Este é o segundo levantamento feito pela SOS Mata Atlântica, nesta escala. O anterior abrangeu o período 1985-90, ano em que ainda restavam 8,8% da floresta. O novo levantamento mostra que a Mata

DESTRUIÇÃO				
Estado	Área em 1990	Desmatamento até 1995	Hectares desmatados	%
ES	409,7 mil	387,3 mil	22,4 mil	5,47
GO	7,1 mil	6,4 mil	848	9,1
MS	43,7 mil	39,5 mil	4,1 mil	9,59
MG	1,2 milhão	1,1 milhão	89,9 mil	7,32
PR	1,8 milhão	1,7 milhão	84,6 mil	4,66
RJ	1 milhão	928,8 mil	140,3 mil	13,13
RS	535,2 mil	508,4 mil	28,7 mil	5,38
SC	1,7 milhão	1,6 milhão	62,9 mil	3,64
SP	1,8 milhão	1,7 milhão	67,4 mil	3,62
TOTAL	8,8 milhões	8,1 milhões	500,3 mil	5,76

Atlântica foi reduzida a apenas 7% da área original.

Só restam 8.182.096 hectares de florestas, excessivamente fragmentadas. Entre o Espírito Santo e o Rio Grande do Sul, foram perdidos 500.317 hectares de matas primárias, apenas entre 1990 e 1995.

A devastação foi maior no Rio de Janeiro, seguido por Minas Gerais e Paraná.

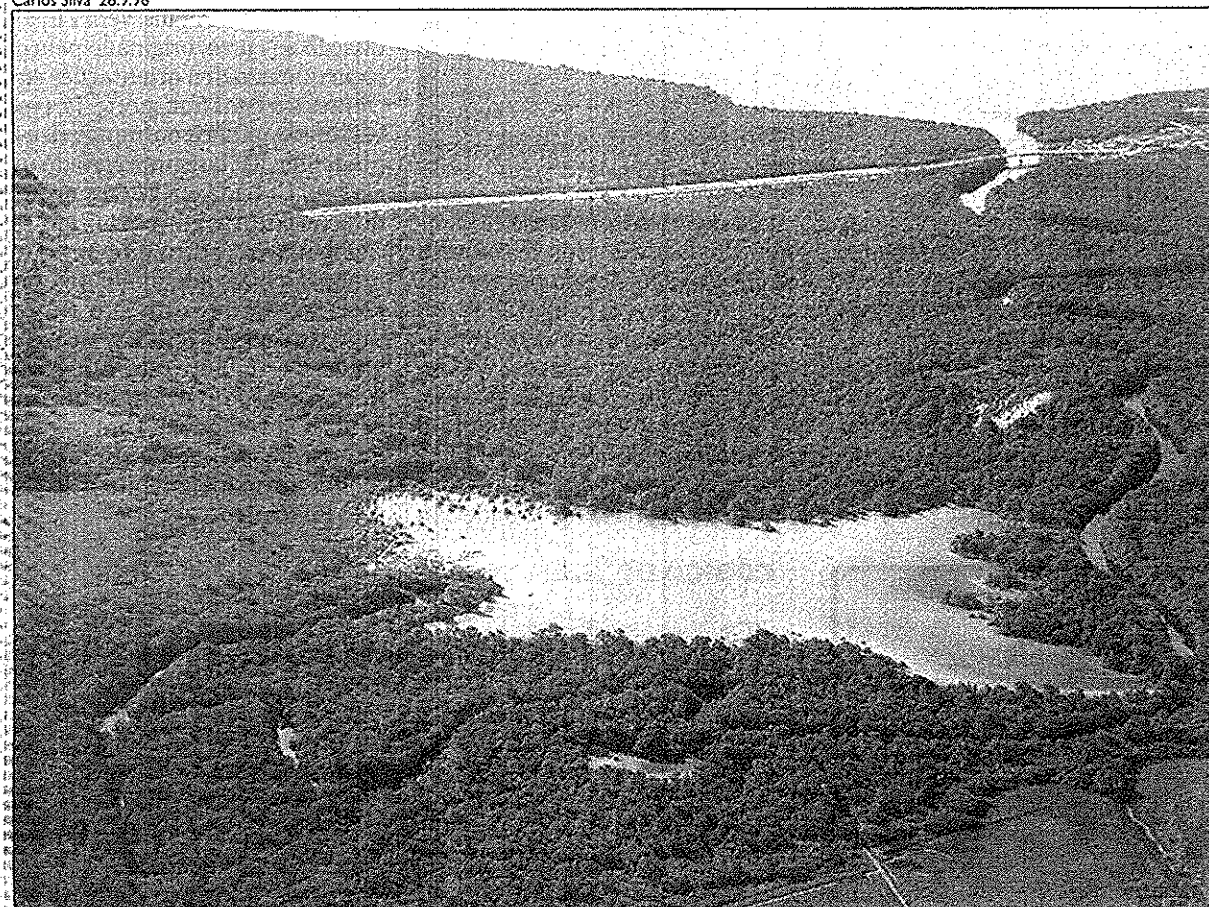
As imagens de satélite mostram um avanço impressionante dos desmatamentos, apesar dos decretos restritivos e das campanhas para salvar um dos ecossistemas de

maior biodiversidade do planeta. "A luta agora é pelo desmatamento zero", diz Mário Mantovani, da SOS Mata Atlântica.

Segundo o ambientalista, "as 130 entidades ambientalistas da Rede Mata Atlântica, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul, estão mobilizadas para conseguir a aprovação de uma lei definitiva de proteção da Mata Atlântica para conseguir frear o desmatamento, seja através de ações educativas, seja forçando a participação da sociedade nos projetos oficiais, financiados por organismos internacionais como o Programa Piloto de Florestas (PP-G7) e outros".

O estudo deste ano atingiu uma qualidade técnica e um nível de detalhe a que não foi possível chegar no levantamento anterior. O ISA conseguiu mapear uma série de áreas não analisadas anteriormente por causa da cobertura de nuvens ou da falta de definição sobre o que era exatamente o domínio de Mata Atlântica.

Carlos Silva 28.9.96



Mata Atlântica nativa, no litoral fluminense: o estado do Rio de Janeiro desta vez foi o campeão da destruição

Ritmo da devastação foi reduzido

Na comparação entre os dois levantamentos organizados pela SOS Mata Atlântica, verifica-se que o ritmo de devastação naquele ecossistema diminuiu. De 1985 para 1990 foram perdidos 6,5% da cobertura florestal, enquanto de 1990 para 1995 a taxa de desmatamento foi de 5,7%. "Mesmo assim é muito, porque os desmatamentos estão ocorrendo num ecossistema que já foi reduzido a apenas 7% do seu tamanho original", reitera João Paulo Capobianco, do ISA.

Em números absolutos, o maior susto ficou por conta do Rio de Janeiro, disparado na liderança das derrubadas, com 140 mil hectares. Em seguida, outro susto: em Minas Gerais foram 88.951 hectares de floresta perdidos, apenas no que se considera domínio de Mata Atlântica, sem contar cerradões e outras fisionomias florestais do estado. O terceiro lugar ficou com o Paraná, com 84.606 hectares, um número alto, mas que reflete uma reversão de tendência no estado.

São Paulo aparece na quarta colocação, com 67.400 hectares der-

rubados, e Santa Catarina vem em quinto, com 62.919 hectares. Depois vem o Rio Grande do Sul, com 28.793 hectares derrubados, Espírito Santo, com 22.428, Mato Grosso do Sul, com 4.197 e Goiás, com 648.

O maior desmatamento detectado pelos satélites no novo estudo da Mata Atlântica ocorreu no município de Trajano de Moraes (RJ). Foram perdidos 3.704 hectares de floresta contínua num só local e 4.420 hectares em todo o município. Como na maior parte da região serrana, esta mata deu lugar a pastagens.

VIRADA

O desmatamento das encostas íngremes do Rio parece ser uma tendência também no Espírito Santo e em Minas Gerais, onde pastagens de baixa produtividade e plantações de café estão tomando o lugar das árvores. Além da perda da biodiversidade, o desmatamento aumenta muito o risco de erosão e desabamentos das encostas.

Os dois vilões do desmatamen-

to na Mata Atlântica, no estudo anterior, desta vez deram bom exemplo. No Paraná e em Santa Catarina, diminuiu significativamente o ritmo de derrubadas, ainda que os números absolutos continuem altos.

Dos 144 mil hectares devastados entre 1985 e 1990, o Paraná foi para 84.609 hectares, entre 1990 e 1995. O estado perdeu, no período, 4,66% dos remanescentes anteriormente mapeados.

Em Santa Catarina, a redução foi de 99 mil hectares detectados entre 1985-90 para 62.919 hectares. O estado perdeu em 1995 o correspondente a 3,64% dos seus remanescentes.

"Essa redução demonstra a importância da pressão da opinião pública e do próprio monitoramento", observa João Paulo Capobianco, do Instituto Socioambiental. Segundo ele, os paranaenses e catarinenses foram impactados ao ser apontados como os vilões, no estudo anterior, e o impacto refletiu nas ações governamentais e até no Judiciário.